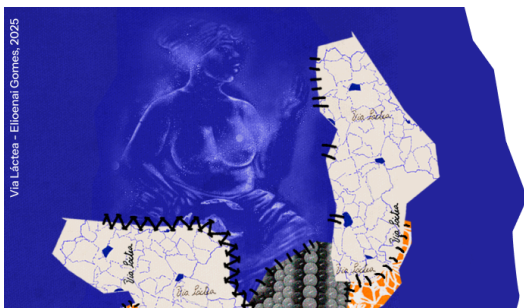




CORPOREIDADES EM MOVIMENTO: Caminhos Pretagógicos em dança na escola

BODIES IN MOVEMENT: Pretagogical paths in dance at school

Mayra Gabryelle Goes ¹

Mírian Oliveira de Freitas²

Ana Cecília Gomes Teixeira³

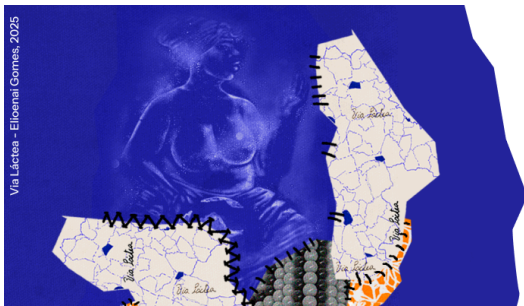
Universidade Federal do Ceará

Resumo: Em espaços escolares historicamente marcados por uma lógica eurocentrada e colonial, as corporeidades estudantis, muitas vezes, são podadas, padronizadas e desconectadas de seus próprios territórios de saber. Diante dessa construção, este resumo objetiva apresentar vivências que dialogam com uma contraproposta às metodologias pedagógicas, a Pretagogia (PETIT, 2015), experienciadas pelos estudantes no ambiente escolar. Nessa busca, retomamos às aulas realizadas por nós, bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Dança, na Escola Hildete Brasil de Sá Cavalcante. Nesse referido contexto, a fim de propor caminhos Pretagógicos e antirracistas, identificamos alguns dos marcadores das africanidades atuando em circularidade, compartilhando e refletindo sobre identificações com referências familiares negras (como músicas, danças e territorialidades). A partir da identificação de tais marcadores, fomentou-se laços de relações comunitárias e buscando não agenciar as formas de falar que emergem desses territórios marginalizados. Sendo assim, considerando a Pretagogia como um disparador que gere conexões, reforçamos a importância de trazer outras metodologias para o ambiente escolar.

¹ Estudante do 8º semestre de Licenciatura em Dança realizada pela Universidade Federal do Ceará (em conclusão) e bolsista PIBID na ETI Hildete Brasil de Sá Cavalcante, formada na Escola de Danças Urbanas pela instituição Cuca Pici. Faz parte do Coletivo DIA (Dançar entre infâncias e autismos). Atualmente pesquisa House Dance, junto com o coletivo Casa Roots. Currículo Lattes: <https://drive.google.com/file/d/1R4BxMeil9YYfLeqbo4VWLUSX49VCaGr7/view?usp=drivesdk>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5923-8844>.

² Estudante do 8º semestre de Licenciatura em Dança realizada pela Universidade Federal do Ceará (em conclusão) e bolsista PIBID na ETI Hildete Brasil de Sá Cavalcante, Técnica em Dança pelo Centro Cultural do Bom Jardim. Atualmente investiga a cultura Hip-Hop em suas diversas ramificações além do uso da Roda como Metodologia de ensino. Currículo: https://drive.google.com/drive/folders/1hcSiREoOIMxgD27NbY8ExDY5J_HiegNa?usp=sharing. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4087-2046>

³ Estudante do 8º semestre de Licenciatura em Dança, na Universidade Federal do Ceará. Nordestina, dançarina e pesquisadora de Dança do Leste (dança do ventre), bolsista do PIBID, formada na primeira turma do Curso Princípios Básicos em Dança (CPBD), vinculado ao Teatro José de Alencar. Atualmente pesquisa sobre a acessibilidade em sua área de estudo, mas também buscando transitar entre várias linguagens de danças. Currículo: https://drive.google.com/file/d/1e40MR0dFzRU1egme_7FvsENVu1IWq_3i/view?usp=drivesdk Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9307-8273>.



Palavras-chave: Pretagogia; PIBID; dança; ambiente escolar; silenciamento corporal.

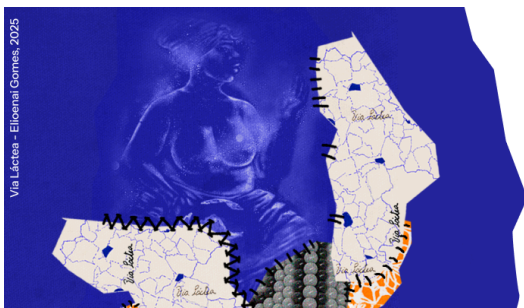
Abstract: In school spaces historically marked by a Eurocentric and colonial logic, student bodies are often pruned, standardized, and disconnected from their own territories of knowledge. In light of this construction, this summary aims to present experiences that engage with a counterproposal to pedagogical methodologies, the Pretagogy (PETIT, 2015), experienced by students in the school environment. In this search, we revisit the classes conducted by us, scholarship holders of PIBID (Institutional Program for Initiation to Teaching) Dance, at the Hildete Brasil de Sá Cavalcante School. In this referred context, in order to propose Pre-teaching and anti-racist pathways, we identified some of the markers of African identities acting in circularity, sharing and reflecting on identifications with black family references (such as music, dances, and territorialities). From the identification of such markers, bonds of community relations were fostered, seeking not to manage the ways of speaking that emerge from these marginalized territories. Therefore, considering the Pretagogia as a trigger that generates connections, we emphasize the importance of bringing other methodologies to the school environment.

Keywords: Pretagogia; PIBID; dance; school environment; body silencing.

1 INTRODUÇÃO

Em espaços escolares historicamente marcados por uma lógica eurocentrada e colonial, as corporeidades estudantis (e, de forma especial, suas expressões dançadas), muitas vezes, são podadas, alienadas e desconectadas de seus próprios territórios de saber. Essa ruptura não se restringe ao campo do movimento físico, mas incide também sobre a forma como os estudantes percebem a si mesmos, suas histórias e suas possibilidades de criação. O silenciamento corporal, longe de ser um processo neutro, reforça hierarquias de saber, invisibiliza epistemologias negras, indígenas e periféricas e impõe um ideal normativo de comportamento e expressão.

Neste caminho, nosso diálogo com a temática emergiu por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Dança, na escola Hildete Brasil de Sá Cavalcante. Ela localiza-se no bairro Mondubim, nos arredores de um loteamento conhecido como Arvoredo, área periférica de Fortaleza. Trata-se de um espaço com terreno grande, construído no formato atual das ETIs (Escolas de Tempo Integral), sendo ela de ensino fundamental. Quem nos acompanha é a professora de Artes, egressa da graduação em Dança, na Universidade Federal do Ceará. O ambiente escolar está situado em um local difícil de encontrar à primeira

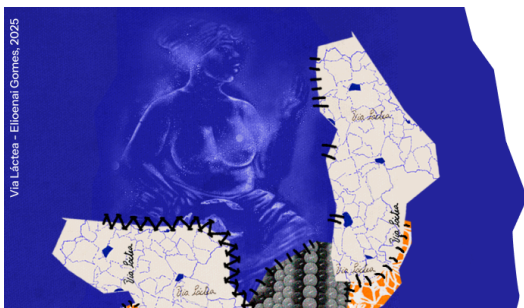


vista, embora não seja completamente inacessível. No entanto, para quem não mora nas proximidades da instituição — realidade de boa parte dos estudantes —, é necessário um largo deslocamento até as paradas de ônibus, posto que o transporte escolar não dá conta do traslado de todos os estudantes.

Na circularidade das interações que ocorrem na escola, identificamos marcadores das africanidades, conceitos-chave que identificamos como formas de reconhecer vínculos com o legado africano, afirmação identitária, pertencimento, espiritualidade (PETIT, 2024) germinando entre as propostas artísticas, nas oficinas e intervenções realizadas por nós. Portanto, buscamos o compartilhamento e reflexão sobre referências familiares negras (como músicas, danças e territorialidades), no fortalecimento de vínculos comunitários e na valorização das formas de falar que residem de territórios historicamente marginalizados. Diante desse constato, este artigo tem como objetivo apresentar uma contraproposta às metodologias pedagógicas hegemônicas vivenciadas pelos estudantes no ambiente escolar. Busca-se, para além da aproximação com suas vivências, propor caminhos Pretagógicos (referencial filosófico-teórico-metodológico formulado por Sandra Petit, 2015) e antirracistas, tendo a dança como eixo articulador.

2 DESENVOLVIMENTO

Dentro das propostas do PIBID, as pessoas bolsistas têm a abertura de planejar oficinas com alguma temática que esteja dentro do conteúdo estudado em sala de aula, ou atendendo a pedidos realizados pelos/as estudantes da instituição parceira. O formato das proposições dependerá dos acordos firmados entre bolsistas e professores supervisores. Além disso, também temos a opção de levar intervenções artísticas, como no período do almoço, antes das aulas começarem e até em outros momentos possíveis. Desse modo, buscamos garantir a dança como um importante componente que integra os processos educacionais para além de atividades em sala de aula, propiciando diálogos entre modos de ensinar e aprender.

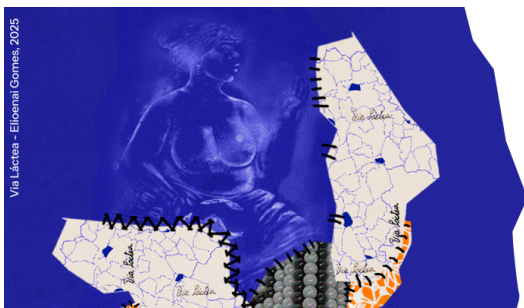


Assim, com o intuito de fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com a luta antirracista, realizamos oficinas que tiveram como eixo central as Danças Afrodiáspóricas, entre elas a dança do ventre, o Hip Hop e o passinho do reggae, este último presente com maior frequência em nossas ações em função de questões logísticas internas.

Na oficina de dança do ventre, esperávamos um pouco mais de resistência dos/das estudantes durante a prática, visto que é uma das danças afrodiáspóricas que enfatiza bastante o movimento do quadril, uma característica muito comum entre essas danças. Porém, apesar de inicialmente algumas pessoas demorarem um pouco para experimentar a proposta, demonstraram-se abertas para experienciar os movimentos compartilhados na aula. Foi uma importante partilha para afirmação do local de pertencimento dessas práticas de dança, que é o continente africano - o que poucas pessoas conhecem, por conta do enorme mercado de comercialização, uma realidade não tão distante de outras danças - além de reafirmar que o rebolado está nas raízes de nossas danças brasileiras, que muito se nutrem das culturas afrodiáspóricas.

Já a oficina de passinho do reggae, inicialmente foi alvo de preconceito entre alguns alunos. Mas, no final da aula, boa parte da escola estava participando, até mesmo o diretor da escola; ao permitir que eles reconhecessem no espaço escolar uma dança nascida em seus próprios bairros, carregada de potência criativa e identidade, a favela, saindo de sua associação pejorativa, os movimentos dessa dança, antes objeto de preconceito, transformou-se em uma linguagem de aproximação. Esse deslocamento contribuiu para a valorização das culturas locais e para a construção de uma prática pedagógica que não apenas ensina, mas também se deixa ensinar pelas culturas juvenis.

Com a prática do Hip-Hop também foram percebidas as vivências e aproximações de cada estudante com a linguagem, como uma busca de repertório anteriormente desenvolvido. Situado em contexto sócio-histórico totalmente periférico, o Hip-Hop traz a união entre música, rima e corporeidade, e ao entrar em contato com as movimentações, muitos dos estudantes conseguiram estabelecer relações com o dia a dia, com vivências anteriores à oficina e demonstraram



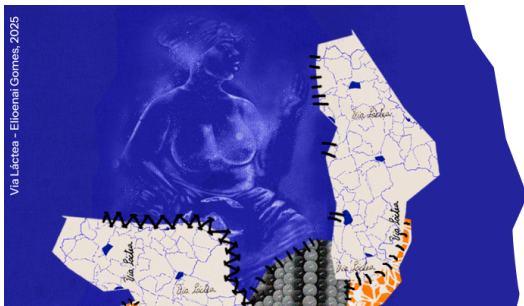
interesse em seguir conhecendo e entendendo a dança no próprio corpo, encontrando o próprio bounce (balanço), incorporando, assim, sua identidade de movimento nos steps (passos) aos quais foram apresentados.

Nessas aproximações, percebemos que as práticas corporais das crianças revelam dimensões de identidade, memória e pertencimento que, muitas vezes, permanecem silenciadas e invisibilizadas no contexto escolar tradicional. Os estudantes mostraram-se receptivos não apenas à diversidade de formas de expressão, mas também às conexões que cada dança estabelece com seus territórios culturais, históricos e afetivos. Por certo, o referencial da Pretagogia proposto por Sandra Petit (2015) possibilitou esse diálogo durante as aulas, avivando o pensamento acerca de uma aprendizagem que se constroi com e a partir das experiências corporais e manifestações vividas dos alunos. As oficinas mostraram que, ao abrir espaço para que os estudantes expressem suas corporeidades em diálogo com seus territórios, criamos condições para um currículo vivo e situado, onde o conhecimento emerge da troca e da escuta.

A Pretagogia nos orienta a reconhecer os corpos negros, periféricos e populares como produtores de saberes legítimos, ampliando a compreensão de educação para além dos limites da normatividade eurocentrada. Para Sandra Petit (2015), essa proposta pedagógica nasce da escuta sensível e da valorização das experiências, memórias e práticas culturais afrodiaspóricas, que muitas vezes foram silenciadas na escola e na universidade. Seu pensamento pedagógico aponta para metodologias que partem da corporeidade, da oralidade, da ancestralidade e da vivência comunitária como caminhos de aprendizagem, descolonizando o modo de ensinar e aprender. Como afirma a autora,

a Pretagogia está assentada nos valores da cosmovisão africana, que são: a ancestralidade, a tradição oral, o corpo enquanto fonte espiritual e produtor de saberes, a valorização da natureza, a religiosidade, a noção de território e o princípio da circularidade (PETIT, 2015, p. 11).

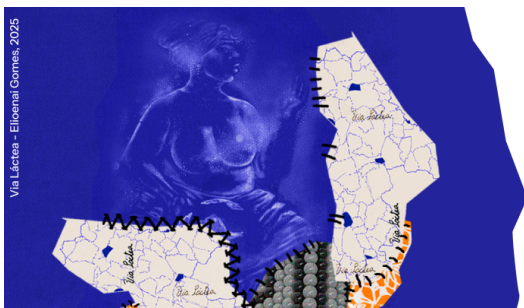
Nesse contexto, pensar a dança na escola a partir das epistemologias do corpo negro implica assumir um compromisso político e estético de aquilombar, conceito levado por Moura (2024), o espaço educativo, tornando-o território de partilha, de criação coletiva e de resistência. Nesse processo, as práticas corporais



deixam de ser acessórias e assumem centralidade na formação crítica e sensível dos estudantes, evidenciando que a dança, mais do que uma linguagem artística, é também uma estratégia de sobrevivência, memória e reinvenção do mundo. A experiência do passinho do reggae, por exemplo, destacou que a dança pode transformar percepções sobre pertencimento e autoestima. Alunos que inicialmente sentiam vergonha ou receio de se expressar em público passaram a ocupar o espaço com confiança, reconhecendo valor naquilo que antes era marginalizado. Assim, a dança na escola funciona como um catalisador de empoderamento, reforçando o sentimento de pertencimento e a autoestima, enquanto simultaneamente promove aprendizado e socialização.

Conectando o ensino de dança nas escolas à Pretagogia, evidencia-se que os corpos não são apenas objetos de instrução, mas sujeitos ativos na construção do conhecimento. A dança emerge como um veículo de transformação: educa, fortalece a autoestima e inscreve nas crianças e adolescentes a percepção de que seus corpos, suas histórias e suas culturas são legítimos, dignos de reconhecimento e capazes de produzir saber. Essa perspectiva reafirma a importância de práticas pedagógicas que acolham e ampliem os territórios corporais e culturais, garantindo que a educação seja também um espaço de empoderamento, resistência e invenção coletiva. Ademais, a Pretagogia e o ensino de dança nas escolas se configuram como um processo de coaprendizagem, no qual educadores e estudantes compartilham saberes e experiências. Essa abordagem rompe com a lógica hierárquica tradicional, pois reconhece que cada corpo carrega histórias, saberes e formas de resistência que enriquecem o espaço pedagógico. A valorização dessas experiências contribui para uma educação mais inclusiva, sensível às diversidades culturais e capaz de nutrir a confiança e a expressão individual.

Renato Nogueira (2019) traz o termo "ndaw", que traduzido da língua wolof, significa infância. Daw pode ser entendido como "percorrer" ou "movimento", o que sugere que a infância é um estado de movimento, algo transitório; e é nessa travessia, onde é possível identificar as individualidades e particularidades de cada criança, sobretudo, o contexto de suas referências ancestrais, que serão moldadas suas percepções de si e de mundo, modos de viver, formas de relacionar. Ao dançar,



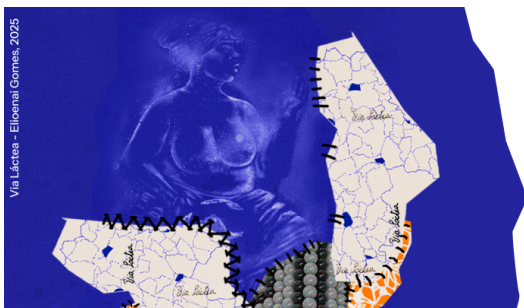
os estudantes reconhecem suas próprias histórias e capacidades, experimentando um espaço de afirmação identitária que frequentemente lhes é negado em outros ambientes escolares. As práticas corporais, nesse sentido, tornam-se ferramentas de educação emocional e social, permitindo que cada aluno perceba seu corpo como potência de expressão, resistência e criatividade. Com Sandra Petit a Pretagogia nos lembra que ensinar dança não se restringe ao domínio técnico ou à reprodução de movimentos pré-determinados; ela atua como uma pedagogia de valorização dos corpos, das memórias e das potências individuais e coletivas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário escolar ainda enraizado em paradigmas eurocentrados e coloniais, a figura do/a educador/a precisa estar constantemente se reinventando. Torna-se urgente repensar as práticas pedagógicas que historicamente deslegitimam as corporeidades e saberes oriundos de territórios marginalizados. Mais do que uma proposta metodológica, a Pretagogia (PETIT, 2015) se revela como um movimento político-pedagógico que rompe com a lógica da padronização e propõe uma educação antirracista, comunitária e afetiva.

As experiências vividas no contexto das aulas de Dança, promovidas pelo PIBID na Escola Hildete Brasil de Sá Cavalcante, evidenciam o potencial transformador da Pretagogia como metodologia que afirma identidades, valoriza africanidades e constroi espaços de pertencimento no ambiente escolar. Nisso, reconhecendo e integrando referências culturais negras — como músicas, danças e modos de ser e falar — reafirmando a potência dos corpos e saberes que tradicionalmente foram silenciados.

Com essa escrita, reafirmamos a importância de promover práticas educativas que dialoguem com as vivências dos estudantes, respeitando suas territorialidades e ancestralidades. Reafirmar em si e nas crianças a Sankofa, buscando o que foi deixado para trás - o reconhecimento da ancestralidade - e o levando adiante consigo adiante. Trazer a Pretagogia e identificar junto aos estudantes os marcadores das africanidades no espaço escolar é, portanto, um



passo fundamental na construção de uma educação mais justa, plural e enraizada na diversidade que compõe o Brasil.

REFERÊNCIAS

MOURA, Monithelli Aparecida Estevão de. Aquilombar-se: experiências de uma professora preta de francês e de estudantes pretas(os) e pardas(os) no projeto Linguafrô. 2024. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Uberlândia, 2024.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019, p. 53-70. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28256>

PETIT, S. H. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. v. 1. 261p.

SILVA, SAMUEL MORAIS; PETIT, SANDRA HAYDÉE. Os Marcadores das Africanidades no Chão Redondo da Escola e suas Implicações na Formação Docente. Revista Em Favor de Igualdade Racial, v.7, p. 208-223, 2024.